

As Aquarelas de Margaret Mee: Um Estudo das Relações Semióticas¹

Hadna ABREU²

Valter MESQUITA³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

Este *paper* tem como foco a análise dos sistemas semióticos a partir do estudo das ilustrações da inglesa Margaret Mee (1909-1988), produzidas na Amazônia nos anos de 1956 a 1988. A artista e ilustradora botânica, inspirava-se na diversidade da flora por meio da técnica de aquarela, a partir de estudos em cadernos e diários realizados *in loco* com características predominantes de um olhar científico. A partir de informações e obras coletadas sobre o trabalho da artista na região, buscou-se analisar com base nos elementos e categorias da linguagem visual, para assim, investigar as relações semióticas por meio dos conceitos de semiose, de Charles Sanders Peirce (1994), e semiosfera e texto cultural, de Íuri Lótman (1996). O resultado consiste na percepção dos processos sógnicos entre os sistemas semióticos identificados nas aquarelas da artista, através de distintos níveis de semioses através em seus trabalhos.

Palavras-chave: Margaret Mee; semiótica; aquarela; linguagem visual; semiose.

Introdução

Neste *paper* será apresentado os resultados alcançados durante a pesquisa realizada como trabalho de conclusão do curso de graduação em Artes Visuais. Busca-se entender as relações semióticas nas aquarelas da ilustradora botânica Margaret Mee (1909-1988), realizadas nas expedições à Amazônia (1956-1988), com base nos registros, anotações em cadernos de desenho. Suas pinturas demonstram não só o grande domínio técnico, mas também uma relação interpessoal com seu objeto de pesquisa, pois buscava suas referências do contato aproximado, com anotações e estudos realizados no próprio local, na flora. Além de seus registros ilustrados, também transcrevia sua experiência em escritos em diários, deixando claramente sua admiração pela região, registros científicos, relatos de indignação e tristeza ao constatar o desenfreado desmatamento na região amazônica, mostrando ser

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Semiótica da Comunicação, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas, email: hadnabreu@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas, email: valtermesquita@hotmail.com

uma mulher para além do seu tempo, denunciando a exploração desenfreada das matas, em tempos que quase não se ouvia falar sobre o assunto de preservação da Amazônia e sustentabilidade.

Para a realização da pesquisa, foi usado, como abordagem metodológica, o ponto de vista semiótica para os estudos da comunicação, para compreender as relações entre sistemas semióticos existentes nas aquarelas de Margaret Mee, tomando estas como texto da cultura. A base teórica que fundamentou a pesquisa foi constituída pelos conceitos de semiose (PEIRCE, 1994), e pelos conceitos de semiosfera e texto cultural (LÓTMAN, 1996). Para a abordagem do estudo da linguagem visual, usou-se como referência, Rudolf Arnheim (2006), Fayga Ostrower (2004), Donis A. Dondis (1997) e Israel Pedrosa (2008; 2007). A partir dos resultados obtidos na pesquisa, desenvolveu-se diagramas com o intuito de dar visibilidade as relações analisadas.

Semiótica e Linguagem Visual

Conforme Lucia Santaella (2000, p. 118) a “semiose é uma trama de ordenação lógica dos processos de continuidade” – conceito abstrato da semiótica peirceana. Nesta mesma perspectiva, Valter Mesquita (2016) acrescenta que a semiose tem caráter contínuo de autogeração do signo que desenvolve uma cadeia gerativa de novos signos, por meio de suas relações e representações. Mesquita (2016, p. 66) mostra uma definição sintética da semiose como sendo

a ação e a capacidade do signo de gerar novos signos, entendida como processo autogerativo do signo. Peirce apresenta seu conceito de semiose como sendo a ação entre o signo, objeto a que o signo representa e o efeito que este pode causar em uma mente, gerando um interpretante (MESQUITA, 2016, p. 66).

Em outras palavras, semiose compreende a dimensão das relações entre diversos sistemas de linguagens, gerando uma cadeia infinita de representações. Portanto, ao estudar este funcionamento de linguagem por meio da ação do signo, o conceito de semiose dará sustentação para compreender os conceitos da semiótica russa: semiosfera e texto cultural.

Irene Machado (2007), apresenta o conceito de semiosfera, de Lótman (1996), como ponte que interliga a compreensão de relações (semiose) capazes de dialogarem com outros sistemas, que por meio de algo (choques, expansão ou emergências) acontecem diferentes encontros culturais. É o que Machado (2007) aponta como espaços semióticos, espaços híbridos, irregulares e heterogêneos, que ultrapassam e transformam a informação. Segundo Lótman, a semiosfera é atuante em diferentes tipos de sistemas que fazem parte dela

própria, afinal, *“todo el espacio semiótico puede ser considerado como un mecanismo único (si no como un organismo). Entonces resulta primario no uno u otro ladrillito, sino el ‘gran sistema’, denominado semiosfera”* (LÓTMAN, 1996, p.24).⁴

Lótman concebe a teoria da semiosfera e seus diversos sistemas culturais como algo vivo, dinâmico, ativo, que integram um corpo com diversos membros que se relacionam entre si, para que aconteça a semiose, permitindo que diversos sistemas culturais articulem com diversos outros e, assim, gerando novos, numa teia infinita.

Como Mesquita (2016, p. 64) define, “semiosfera é o espaço semiótico da cultura propício à existência da linguagem e ao funcionamento da comunicação”. Lótman compara este espaço como um organismo biológico – a célula e seus funcionamentos – similares ao ambiente de diversas formações semióticas imersas em diálogo constante.

Mesquita (2016, p. 72) enfatiza que “só se pode compreender a dinâmica da cultura, a partir dos textos culturais, conceito esse imprescindível para os estudos da semiótica da cultura”. Lótman (1996) refere-se a semiótica da cultura, como processo gerador de linguagem, e seu estudo busca compreender as relações de linguagens entre os sistemas de signos, comparado a um tecido orgânico construído na função de comunicar e produzir cultura. A autora Irene Machado (2007) discute então, o conceito de texto sob o ponto de vista semiótico da cultura, como sendo um espaço interativo, onde as linguagens articulam-se entre si, onde sofrem constantes semioses, ou seja, onde os sistemas se renovam, geram novos sistemas de signos. Deste modo, o que é visto como sistema gerador de linguagens, Lótman (1996) chama de texto cultural, e define como o resultado, um produto, consequência da união entre mecanismos carregados de diversos signos, que transformam linguagens que já existem, mas também gerando outras novas linguagens. Portanto, o texto cultural é formado por linguagens que se colocam em constante mutação, mediando signos no contato com outros sistemas de linguagens, gerando assim uma cadeia infinita de representações.

Desse modo, estes conceitos possibilitam um olhar prévio para as obras de Margaret Mee como um conjunto de linguagens, uma trama de sistemas de signos, tomando suas obras como texto cultural. Pois, conforme Mesquita (2016, p.74) “ao estudar os textos culturais, torna-se possível conhecer as linguagens da cultura e seus códigos”.

No entanto, a estrutura pictórica das obras de Margaret Mee, se encontram decodificadas, sendo necessário conhecer mais profundo como se organiza. Isto

⁴ Todo o espaço semiótico pode ser considerado como um único mecanismo (se não como um organismo). Então, não é um ou outro ladrillito primário, mas o "grande sistema" chamada semiosfera. (Tradução livre)

possibilitará que sejam percebidas como um grande sistema constituído por um vocabulário visual de formato dinâmico, tecido por uma série de signos.

Para a autora Dondis (1997, p.53), “a compreensão mais profunda da construção elementar das formas visuais oferece ao visualizador maior liberdade e diversidade de opções compositivas, as quais são fundamentais para a comunicação visual”. Portanto, conhecer os elementos fundamentais de linguagem visual que envolvem as aquarelas de Margaret Mee, possibilitará a percepção de como a artista organizava a estrutura de seus trabalhos em aquarela na Amazônia. São eles: a linha, a forma, o volume e a cor.

As Aquarelas de Margaret Mee

Foram coletadas 185 ilustrações produzidas por Margaret Mee no Brasil, sendo que, 68 são ilustrações datadas com tema amazônico, contando com aquarelas finalizadas e esboçadas, que contribuirão no desenvolvimento das análises do trabalho da artista com objetivo de compreender as relações comunicativas e seus elementos visuais fundamentais.

Após a coleta de todas estas informações dessas ilustrações, foram criados três critérios para a seleção das aquarelas que fariam parte do processo de análise com base nos conceitos de linguagem visual e da semiótica. São estes os critérios: 1. Aquarelas de tema amazônico; 2. Ilustrações datadas; 3. Imagens coloridas ou a lápis. Destes três filtros, se chegou ao número de 68 ilustrações datadas, com tema amazônico, coloridas ou a lápis desde o ano de sua primeira expedição a Amazônia, em 1956, até sua última expedição, em 1988. A partir disso foi criado o mapeamento das obras de acordo com as datas, e com devidas informações da imagem – título, local e suas respectivas fontes.

Após organizar os dados coletados, foram selecionadas duas ilustrações de cada subgrupo para participarem das análises baseadas conforme conceitos dos elementos fundamentais da linguagem visual e da semiótica.

Tomando como base o pensamento de Dondis (1997) de que a sintaxe visual nos leva a compreensão das mensagens visuais. Aplicando às aquarelas de Margaret Mee, foi possível perceber a estrutura da imagem possibilitando identificar o estilo de como realizava seus trabalhos, para que, assim, se possa estudar as relações entre os sistemas existentes.

Análise dos Elementos Visuais Fundamentais

Identificou-se, a partir do mapeamento, o total de 60 ilustrações sem fundo, em que Margaret Mee, realizou através de esboços em cadernos e aquarelas finalizadas. As ilustrações enfatizam o objetivo do desenho de caráter científico sobre a estrutura de uma planta. A figura 1 é o exemplo de como a artista observava cada parte do todo da planta, realizando vários esboços e anotações em cadernos antes de fazer a aquarela final da planta. Estudava cada pétala, cada folha, suas cores e dimensões, preocupava-se, também, em sempre referenciar as plantas pelo nome científico, localização e data. Sua investigação era rigorosa, caracterizava-se pelo olhar clínico de uma artista pesquisadora.

Figura 01 - Série de estudos encontrados nos cadernos, de Margaret Mee, até a construção da aquarela final.



Fonte: CENTRO CULTURAL CORREIOS. Margaret Mee: 100 anos de vida e obra. 2013.

Na figura 1, além das ilustrações fragmentas da planta, também há anotações e o nome científico, vemos o método que Margaret Mee usava para a elaboração de suas aquarelas finais. Primeiramente, fazia estudos detalhados de cada parte da planta para construir a estrutura de suas pinturas. Nota-se a importância do esqueleto estrutural das linhas marcadas em lápis, com linhas simples e leves para que ao fim pudessem ser sobrepostas em tinta, sem maiores interferências. As imagens dos cadernos foram as únicas coloridas coletadas, apesar desta aquarela, pintada em 1957, não ter sido produzida na Amazônia, e sim, no Jardim Botânico no Rio de Janeiro, ela demonstra fielmente o processo de criação de Margaret Mee, quanto ao uso de cadernos de esboços.

Deste Modo, nota-se que, no fundo de suas ilustrações, Margaret, mantinha a neutralidade do papel, sem muitas intervenções, além de anotações e identificações da ilustração. De todas as 185 aquarelas brasileiras coletadas, apenas uma foi encontrada com um raro e pequeno acidente de tinta, ao lado esquerdo, uma pequena marca de gota aparece sobre o papel.

Para a análise, foram selecionadas duas aquarelas coloridas, finalizadas, sem fundo e com tema amazônico. Também, foram escolhidas ilustrações com certo afastamento por data, com intuito de comparar os estilos à medida do tempo em que Margaret fazia suas expedições. A figura 2 é datada no início de suas expedições (1959) e a segunda pintura (figura 3) em sua última expedição, no ano de 1988. Percebe-se, então, que a artista, preserva seu estilo técnico da ilustração científica botânica, conservando o fundo neutro de papel, no intuito de destacar a estrutura das plantas em máximo detalhe. A principal característica nestas obras, como mencionado anteriormente, é o fundo do próprio suporte do papel, quase sem interferência, onde há apenas a intervenção da assinatura e a descrição da obra, com leves escritos à lápis.

Figura 2 – *Gongona maculata varbrefoni*. Rio Gurupi, Pará (1959).



Fonte: MEE, Margaret. Flores da Floresta Amazônica, 2010, p. 19.

A aquarela de figura 3, uma das últimas a serem pintadas por Margaret Mee, registra a floração da *Seleneceneus wittii* (1988), antigamente denominada como *Strophocactus wittii* e popularmente chamada como flor da lua. A pintura carrega maior informação visual do que a primeira ilustração. Suas cores fortes de predominância verde e avermelhados, causando grande impacto visual por serem complementares.

Figura 3 – *Selenicereus wittii*. Rio Negro, Amazonas 1988.



Fonte: MEE, Margaret. Flores da Floresta Amazônica, 2010, p. 163.

O aglutinado de folhas atrai o olhar para a parte inferior da ilustração. Seu peso é contrabalanceado com a parte do tronco que direciona o olhar para a parte superior da imagem, consequência de suas linhas e formas sinuosas que direcionam para cima, estabilizando a pintura. Suas folhagens conduzem a atenção para a área principal da ilustração, as flores de cores claras do amarelo ao branco. A flor que se sobrepõe às folhagens do tronco concentra a força para o centro, o eixo central da obra. Apesar da grande quantidade de informação visual e uso de cores vibrantes, a ilustração compensa nas formas curvas e na transparência das bordas. Este pequeno detalhe de transparência dá à ilustração uma impressão de continuidade da figura. Portanto, a figura expande-se do centro para as extremidades.

De todas as 185 ilustrações da região brasileira pintadas por Margaret Mee, foram coletadas dez aquarelas com fundo preenchido, sendo que todas elas são sobre a flora da Amazônia. Dentre estas dez aquarelas, somente oito são datadas. Dentre estas foram coletadas duas aquarelas raras com representações humanas.

As aquarelas das figuras 4 e 5, são ilustrações da *Selenicereus wittii*, a planta mais famosa, ilustrada por Margaret Mee. A primeira pintura data justamente o período onde supostamente, a artista começa a contextualizar suas plantas, preenchendo também o fundo das ilustrações. No geral, os fundos representam a densidade das matas fechadas da Amazônia.

Na figura 4, a unidade das formas concentra as forças para a área central e vertical da obra. Nas folhas, onde predomina a cor avermelhada, a artista dispõe as folhas num movimento dinâmico, onde o elemento visual da linha direciona a maioria das formas para cima. Estas formas de folhas, além da unidade, também, se agregam por sobreposição opaca. Ao fundo, a floresta com sobreposições transparentes, criando degradê em tons de verde, clareando do centro para as extremidades e de cima para baixo, criando uma claridade em volta da figura principal. A pintura está equilibrada simetricamente, com peso visual do centro para baixo, direcionada pela posição vertical do tronco.

Figura 4 – *Strophocactus wittii* (*Selenicereus wittii*). Arquipélago das Anavilhanas, Amazonas (1978).



Fonte: (MEE, Margaret. Flores da Floresta Amazônica, 2010, p. 143).

Figura 5 – *Selenicereus wittii*. Rio Negro, Amazonas (1988).



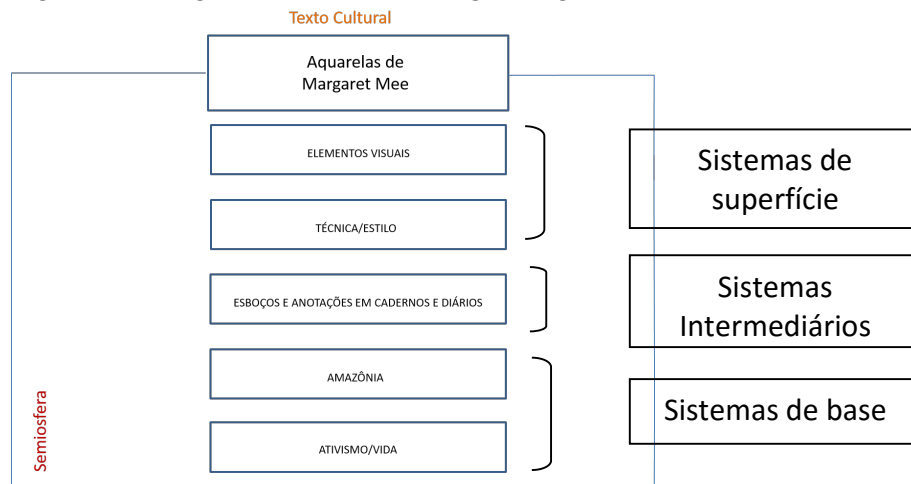
Fonte: (MEE, Margaret. Flores da Floresta Amazônica, 2010, p. 161).

A atração visual está concentrada na claridade das flores amareladas e brancas, apreendendo o olhar. Margaret, assim como se encantou pela planta, também consegue apreender a atenção do olhar para a sua ilustração.

Análise das Relações Semióticas nas Aquarelas de Margaret Mee

A partir destes dados, baseado no ponto de vista semiótico, foi possível identificar cinco categorias de sistemas de signos dentro do texto cultural, das aquarelas de Margaret Mee na Amazônia. Na figura 6 os sistemas de signos foram organizados em camadas para que se facilitasse a visualização do processo de modelagem dos sistemas semióticos até às aquarelas finais, método de análise apresentado por Mesquita (2016), a saber, os sistemas de base, intermediários e de superfície.

Figura 6 – Categorias de sistemas de signos organizados em camadas



Fonte: ABREU, Hadna. 2016.

Deste modo, a figura 6, na categoria dos elementos visuais, na superfície, onde os elementos visuais aparecem primeiro que todas as outras categorias estão encontradas as estruturas visuais das aquarelas da artista, através da linha, da forma, da cor, e da maneira como são percebidas como força visual, peso, direção, sobreposição, transparência, figura e fundo, conforme anteriormente identificados nas análises dos elementos visuais fundamentais das aquarelas de Margaret Mee. As categorias de superfície aparecem primeiramente para quem vê as aquarelas, localizados também, a técnica e o estilo.

Abaixo, como categorias intermediárias, estão os cadernos e diários produzidos durante as viagens à Amazônia, revelando seu caráter pesquisador. Seus cadernos e diários eram suporte de tudo o que conseguia capturar da natureza, seu olhar clínico, parecia desmontar toda a estrutura, pétala a pétala, que ampliava a estrutura das plantas e obtinha

mais detalhes, característica da ilustração científica. Além disso, escrevia com detalhes suas experiências em diários de expedição, buscando registrar sua vivência nos locais por onde passava. Margaret Mee é considerada, por muitos, como uma artista exploradora do século XX, comparada aos artistas ingleses da Missão Francesas⁵ no século XIX.

Abaixo dos elementos visuais, aparece a técnica e o estilo de suas ilustrações, desenho à lápis e pinturas coloridas com tinta aguada. Sua técnica com a tinta aguada e o suporte do papel, a forma como produzia suas pinturas finais, através de muitos estudos com partes fragmentadas em estudos da forma e das cores da flora. Com forte influência dos métodos científicos de anotações, encontradas em cadernos de esboços e diários expedições (1956-1988).

Sobre seu estilo, se identificou a preservação da formalidade científica de anotações e características de pinturas sem fundo; seu idealismo quanto ao equilíbrio da forma; sua aquarela bem definida de cores vivas. Isso foi percebido após a coleta e montagem de uma linha do tempo. O que demonstra que seu estilo se manteve constante, através das anotações *in loco*, pinturas sem figuras ao fundo, e suas identificações científicas. Apenas o que se pode notar, é o aparecimento de uma variação do estilo de Margaret Mee, as pinturas com fundo, que dão certa contextualização do local onde as figuras eram pintadas.

Ainda na figura 6, aparece como sistema intermediário, os esboços produzidos *in loco*, com ilustrações detalhadas das plantas, observações estruturais e referências científicas. Os cadernos e diários formam o resultado da mediação das categorias de base que, somados aos elementos visuais, conseqüentemente geram as aquarelas finalizadas. Como categorias de base foram identificadas a própria Amazônia, enquanto espaço real e palpável. E como última categoria de base, o ativismo da artista em relação as lutas em prol da preservação ambiental, pessoa corajosa, delicada, porém, firme em seus ideais de vida. A partir do conjunto destas cinco categorias que surgem as aquarelas de temas amazônicos de Margaret Mee. Os diários contêm registros em textos de 1956 a 1988, conteúdo de suas experiências na floresta, relatando achados de plantas na Amazônia, e sua visão quanto a preservação da região.

Além disso, seus escritos revelam a pessoa de Margaret Mee, de olhar sensível e pensamentos poéticos sobre suas vivências, demonstrando certo fascínio pela riqueza da flora, dos rios, animais, e moradores que a acolhiam. Em relato, onde finalmente, após anos

⁵ A Missão Artística Francesa foi um grupo de artistas e artífices franceses que, deslocando-se para o Brasil no início do século XIX, revolucionou o panorama das belas-artes no país introduzindo o sistema de ensino superior. Disponível: (https://pt.wikipedia.org/wiki/Miss%C3%A3o_Art%C3%ADstica_Francesa) acesso: em 06 jun. 2016.

de procura, em 1988, a artista encontra a raríssima flor da lua. Margaret não se mostra apenas como ilustradora botânica, mas como espectadora de um grande acontecimento. Deste modo, Margaret demonstra envolvida intimamente com seu objeto de estudo, a flora amazônica. Preocupando-se sempre na descrição científica da planta, mas não deixando de descrevê-las como formas transmissoras de sensação. Logo a baixo, é a categoria da própria Amazônia. Através de seu contato com a flora, sua diversidade ecológica, seus rios, animais, e moradores desta região, foi com que Margaret Mee capturou a importância da preservação da riqueza ecológica que a região carrega.

Por tanto revelando a firmeza na luta frente à preservação da Amazônia, que se identifica a próxima categoria de base, seu ativismo quanto a conscientização ambiental, a ponto de escrever cartas denunciando às autoridades, os desmatamentos que presenciava, numa fala pouco explorada em seu tempo. Seu ativismo sopra como um estilo de vida, tanto nos contextos sociais como artista, como também, no estilo de vida de Margaret enquanto pessoa. Em relatos de seus vizinhos, em sua casa no Rio de Janeiro, referiram-se a Margaret Mee como uma pessoa excêntrica (MARTINO, 2013).

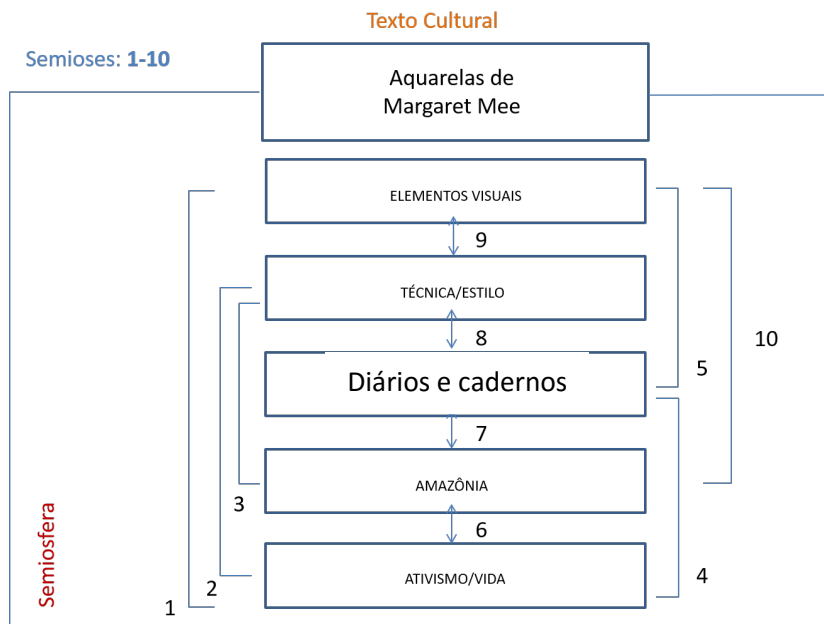
A partir destas categorias nota-se o dinamismo com que cada sistema age em relação aos outros sistemas, sendo até difícil falar de um sistema, sem mencionar outros. Estas relações entre sistemas de signos levam a percepção do conceito de semiose.

Conforme o esquema da figura 7, foram identificados dez tipos de semioses que envolvem os processos comunicativos das aquarelas de Margaret Mee na região amazônica. Percebe-se, então, que apesar das categorias estarem organizadas em camadas, estas, não se fazem estáticas no espaço semiótico, mas sim, constituídas de relações dinâmicas, onde todos os sistemas, do texto cultural, dialogam entre si, e não apenas seguindo a ordem vertical organizada na figura 6.

De modo que os cinco sistemas semióticos, se comunicam por meio de ligações direta e intermediadas, representadas nas linhas de um a dez, mediando signos de um sistema para outro. Portanto, qualquer destes sistemas não existindo, ou qualquer ruptura destas relações, não se realizaria tais aquarelas conhecidas hoje. Se Margaret Mee, não tivesse vindo ao Amazonas, e elaborado ilustrações em aquarela da flora Amazônica, baseada apenas em fotografias das plantas, cabe entender que o resultado final seria diferente da que se conhece de fato hoje. Da mesma forma, se sua persistência e coragem, encontradas no sistema de ativismo, Margaret Mee, nem mesmo ousaria enfrentar os perigos de uma mata fechada. Consequentemente, sem seus cadernos, sua visão não seria

tão ampliada para ver detalhes e construir o esqueleto estrutural tão bem desenhado pela artista e ilustradora botânica.

Figura 7 – Semiose percebidas nas aquarelas de signos.

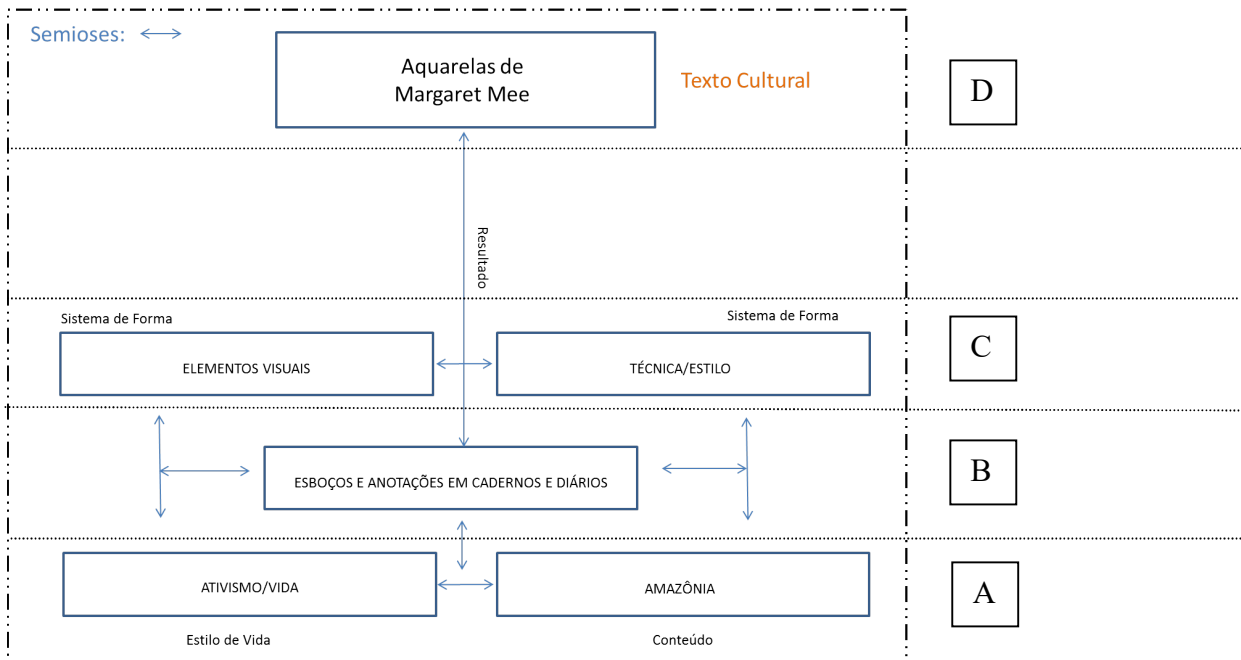


Fonte: ABREU, Hadna. 2016.

Deste modo a semiose 1, refere-se à mediação do ativismo frente aos elementos visuais percebidos em seus esboços e escritos em diários (semiose 5) produzidos *in loco*, na Região Amazônica (semiose 7). Em processo disso, seus esboços são estruturados a partir dos elementos da forma, da união das duas categorias à cima (semiose 9). Deste modo, ocorre o contato do sistema do Ativismo e a Amazônia (semiose 6). Da mesma forma que esta mediação, não seria reconhecida sem contato com a semiose 2, do seu ativismo, com a técnica da aquarela e o estilo de representar a flora da Amazônia (semiose 3), com tantos detalhes. Portanto, seu estilo e sua técnica, estão vinculados (semiose 8) fortemente com os sistemas de signos dos diários e cadernos, observados na semiose 4 e na semiose 5, baseados na semiose 10. Dentre os quais, foram realizados em contato com a Amazônia, gerando as aquarelas de temas amazônicos, conforme visto na semiose 3.

Nota-se que as categorias da base, se relacionam com as categorias da superfície, e as da superfície com as categorias de base, num ciclo dinâmico, organizando-se por intermédio dos diários e cadernos produzidos *in loco*. É a partir de seus cadernos e anotações que a artista desenvolve as relações entre os sistemas de forma, de conteúdo e de estilo de vida, conforme representado na figura 8 representados pelos níveis ABCD.

Figura 8 – Relações através dos cadernos e diários.



Fonte: ABREU, Hadna. 2016.

Cada nível caracteriza-se pela relação entre sistemas aproximados, assim como seu estilo de vida repercutiu no interesse pela representação da flora, como sendo, sua relação inicial para o processo dos sistemas, nível de base A, com a aproximação dos sistemas de estilo de vida e Amazônia como conteúdo. Já como nível intermediário B, os cadernos e diários, se configuram como ponte de conexão em que todos os demais sistemas percebidos nas aquarelas de Margaret Mee, juntamente com o conteúdo amazônico adquirido nas expedições, e seus sistemas de forma, que incluem os sistemas de seus elementos formais visuais e sistemas de técnica, encontram-se e comunicam-se, no ambiente dos cadernos e diários, que cumprem a função de armazenar informações. Tais registros abordam, sua personalidade ativista, defensora da natureza: a artista, a pesquisadora e a pessoa sensível de Margaret Mee, gerando relações entre os níveis A e B. Dentre os quais, cadernos e diários que couberam como suporte para organizações dos sistemas, por meio de elementos visuais e técnica de pintura e estilo, ou seja, nível de sistema de forma, completando-se com a conexão dos níveis D e C, por intermédio de B, com base em A.

Deste modo, percebe-se a importância de cada sistema semiótico percebidos nas aquarelas de Margaret Mee em expedições à Amazônia. Onde foram encontradas relações importantes que permeiam suas aquarelas finais, como a mediações dos cadernos e diários de viagem, no formato de sistemas de nível intermediário corrente nesta trama semiótica.

Do mesmo modo, com que os níveis da forma possibilitaram que Margaret Mee estruturasse suas ilustrações, também os níveis de base, através desta análise, foram confirmados como suporte preponderante para, que de fato, as aquarelas se fizessem presentes como são. No entanto, partindo do ponto de vista de que as aquarelas de Margaret Mee funcionam como uma trama semiótica, seu funcionamento se dá justamente pela presença dos sistemas de signos identificados aqui. Sem qualquer um destes, o organismo do texto cultural não se faria o mesmo.

Considerações Finais

Este trabalho teve como foco, desde o seu princípio, a análise dos processos semióticos nas aquarelas de Margaret Mee produzidas na Amazônia, como diferencial de pesquisa na compreensão dos sistemas de linguagem. Através dos relatos em diários e cadernos, foi possível contextualizar as 68 aquarelas coletadas, de Margaret Mee, com tema amazônico, de modo, que suas estruturas foram percebidas como um organismo modelado por sistemas semióticos.

Na abordagem sobre a aquarela foi identificado a importância dos feitos da técnica de pintura perante a história geral e do Brasil, como forma de compreender o método usado por Margaret Mee na representação da flora amazônica. Sua vinda ao Brasil causou a descoberta de uma nova profissão, a de ilustradora botânica. Logo, seu interesse por plantas a coloca em meio a floresta amazônica, onde encontra motivos para a luta em defesa da biodiversidade da região e como consequência disto, a artista desenvolveu uma série de expedições, registrando sua preocupação ambiental, e suas experiências com a floresta e com os moradores da região.

É a partir destes relatos, em cadernos e aquarelas finais, que se conseguiu estruturar a análise das relações dentre os sistemas de signos, presentes nas aquarelas de Margaret Mee na Amazônia nos anos de 1956 a 1988, sendo percebidas, conforme os conceitos da semiótica de Charles Peirce, para signo e semiose e de Iuri Lótman, para semiosfera e texto cultural, e assim, identificar os sistemas elementares que estruturam as obras da artista.

Foi a partir da metodologia de análise apresentado por Mesquita (2016), a saber, as categorias de base, intermediário e de superfície, que viabilizou alcançar os resultados obtidos nessa pesquisa, pensando que o espaço semiótico da obra de Margareth Mee se organiza em diferentes níveis de semiose. Portanto, para se chegar aos resultados dos níveis ABCD, foi necessário olhar para os sistemas como reagentes propositores de

multirelações num espaço mediado por sistemas. Deste modo, os sistemas foram percebidos como uma organização dinâmica, por uma análise sem enquadramento de estrutura concreta e linear, pelo contrário, buscando através com os níveis ABCD perceber como agem as mediações semióticas.

Referências

- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Thomson Learning, 2006.
- CENTRO CULTURAL CORREIOS. **Margaret Mee: 100 anos de Vida e Obra**. Recife, 2013. Catálogo da exposição: de 11 de dezembro de 2012 a 03 de fevereiro de 2013.
- DONDIS, Donis. **Sintaxe da linguagem visual**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- OSTROWER, Fayga. **Universos da arte**. 24 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- FUNDAÇÃO FLORA DE APOIO À BOTÂNICA. Site. Disponível em: <<http://fundacaoflora.org.br/nossa-estrutura/quem-somos/>>. Acessado em: 12 mai. 2016.
- LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I**: Semiótica de la cultura y del texto. Selección e traducción del ruso Desiderio Navarro. Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València, 1996.
- MACHADO, Irene. **Semiótica da cultura e semiosfera**. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2007.
- MARTINO, Malu. **Margaret mee e a flor da lua**. 2013. Produção: Elisa Tolomelli. Apresentação: Chevron, Elisa e EH! Filmes Distribuidora. Narração: Patricia Pillar. 1 DVD (78 min).
- MEE, Margaret. **Flores da floresta amazônica**: a arte botânica de Margaret Mee. 2 ed. São Paulo: Escrituras, 2010.
- MESQUITA, Valter. **Semioses na web**: os processos comunicativos do google art project. 1 ed. Curitiba: Appris, 2016.
- MUSEU DE ARTE MODERNA, Rio de Janeiro. Margaret Mee: Vida e Herança. Rio de Janeiro, 1992. **Catálogo da exposição**: de 5 de junho a 5 de julho de 1992.
- PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. 10 ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.
- PEDROSA, Israel. **O universo da cor**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Collected papers of Charles Sanders Peirce**. Vol I-VI, Charles Hartshorne, Paul Weiss (eds.). Cambridge, Harvard University Press, 1931. Vols. VII-VIII, Arthur Burks (Ed.). Cambridge, Harvard University Press, 1958. (citados como CP [número do volume]. [número do parágrafo]). IntelLex Corporation, 1994. 1CD-ROM.
- SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Pioneira, 2000.